FIM DE ANÁLISE NA TEORIA LACANIANA

Gabriela Moura

RESUMO

O fim de análise é um tema importante que nos incita à reflexão tanto sobre a finalidade de uma análise, sua direção, a função do analista e os operadores que delimitam o seu fim. Esta investigação em andamento pretende articular as proposições de Lacan do início de seu ensino às suas formulações teóricas do final dos anos 60, mais especificamente do seminário 15 o ato psicanalítico (1967-68). Ao demarcar que "o início e o fim são sempre a transferência" (Lacan, 1953/2005, p. 50) e que "a transferência é o tempo da análise" (Lacan, 1954/2009, p. 372) a qual categoria de "tempo" ele se refere? Como o conceito de transferência se articula ao fim de análise? Para Lacan (1968/2025), há uma lógica que opera em toda psicanálise. Segundo o autor, o ato psicanalítico é um começo lógico que consiste no suporte da transferência. No fim de análise, o sujeito suposto saber como função efeito de transferência opera na dimensão da lógica de toda psicanálise que é a do analista tornar-se dejeto, resíduo de uma operação lógica. Deste modo, o fim de análise é uma consequência da queda do sujeito suposto saber, em uma redução ao advento do objeto a, em que o analista se encontra na posição de resto da coisa caída.

Palavras-chave: fim de análise; transferência; sujeito suposto saber; objeto a; dejeto.

Introdução

O fim de análise é um tema de fundamental importância que perpassa o ensino lacaniano em diversos momentos de sua construção. Esta pesquisa em andamento tem como objetivo investigar sobre as elaborações lacanianas sobre o fim de análise ao longo de seu ensino. Para tanto, algumas questões norteadoras organizam o percurso de investigação: Como saber que o fim se anuncia? O que é, para Lacan, o fim de análise? Qual sua operatória conceitual? Jacques Lacan aborda sobre o fim de análise da mesma forma ao longo de seu ensino? Há um fio condutor em sua construção teórica ou o autor abandona ou altera alguma formulação ou conceito ao longo de sua obra?

O recorte específico desta pesquisa data de 1953 a 1968, perpassando a conferência "O simbólico, o imaginário e o real" (1953), o "Seminário 1 os escritos técnicos de Freud" (1953-54) e o "Seminário 15 o ato psicanalítico" (1967-68); ou seja, este trabalho pretende investigar sobre o tema do fim de análise na teoria lacaniana ao longo de quinze anos de ensino. As inquietações que me colocaram para trabalhar nesta pesquisa, para além da minha análise pessoal, foi contextualizar o

terreno ao qual Lacan se serve para construir suas balizas teóricas. Uma das hipóteses de trabalho é a de que o autor tem uma coerência lógica e consistência de percurso conceitual em sua proposta teórica e, na medida em que avança em seu ensino, aprimora o que antes já havia formulado, a propósito do conceito de objeto a.

O início do ensino de Lacan é marcado por uma conferência que precede a redação do relatório de Roma sobre "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" em 1953. A conferência "O simbólico, o imaginário e o real" (1953) consiste na "[...] apresentação temática inaugural da famosa tríade que sustentará de ponta a ponta a elaboração de Lacan ao longo das três décadas seguintes [...]" (Miller, 2005, p. 7). Ao iniciar sua comunicação científica, Lacan se desculpa pela ambição atribuída ao título e informa que sua apresentação é da ordem de uma introdução ao estudo da psicanálise.

Tomando como ponto de partida a importância de retornar às fontes e aos textos freudianos como movimento fundamental à psicanálise (Lacan, 1953/2005), seguimos seu rastro e seu método de leitura como modelos importantes de pesquisa e investigação. Se retornar aos textos freudianos em sua releitura é proporcionar uma apreensão mais completa dos conceitos e seus fundamentos, retornar aos textos lacanianos em uma releitura permite avançar na investigação dos conceitos fundamentais de sua proposta teórica.

Preocupado com a degradação da psicanálise e a forma como os textos teóricos eram lidos naquela época, Lacan (1953) postula que teoria e técnica "[...] formam senão uma única e mesma coisa" (p. 12). A este propósito, em 1971 no Discurso de Tóquio, Lacan aborda que a psicanálise é uma técnica muito precisa, e que é um artifício que produz um fenômeno muito interessante chamado transferência. Assim, corroborando com a hipótese inicial, Lacan parece não abandonar certos modelos conceituais fundamentais para se pensar a psicanálise enquanto um dispositivo.

Nesta conferência, o autor dimensiona os três registros da realidade humana para abordar sobre do que se trata a experiência analítica na conjuntura de sua teoria. Ao traçar de forma esquemática uma análise do início ao fim a partir da articulação dos três registros real, simbólico e imaginário, Lacan (1953/2005) já trabalha em torno de um esforço de formalização da experiência psicanalítica. Ao descrever a simbolização

do símbolo o autor afirma que "[...] é o analista quem deve fazer isso" (p. 41) pois, ele próprio já é um símbolo na análise.

> É preferível que o faça com plenitude, cultura e inteligência. Daí ser preferível e necessário que o analista tenha uma formação tão completa quanto possível na ordem cultural. Quanto mais vocês souberem, mais isso valerá (Lacan, 1953/2005, p. 41).

Neste momento, o autor afirma que o sujeito forma uma certa unidade cujo elemento essencial constitui-se na transferência (idem, p. 42). Na discussão com os presentes durante a conferência Lacan (1953/2005) aborda que "[...] tudo do que se trata na análise é da ordem da linguagem" (p. 49), ou seja, é da ordem de uma lógica estrutural. Nessa lógica, o francês defende o amor no registro da transferência tratada por Freud e no modo como ele observou na transferência a própria realização da relação humana, a realização do símbolo, que se localiza desde o início até o fim da experiência. É neste ponto que Lacan (1953/2005) afirma que **"o começo e o fim são sempre a transferência"** (p. 50), e esse é um dos eixos centrais desta investigação. Se a transferência é o começo e o fim de uma análise, de que forma ela demarca um fim? Como demonstrar o fim a partir da transferência?

"A transferência é o tempo da análise"

Em 07 de julho de 1954, em sua última aula daquele semestre em que se dedicava ao seminário 1 – os escritos técnicos de Freud, Jacques Lacan desdobrou e avançou um pouco mais sobre a articulação entre a transferência e o fim de análise ao ser convocado por algumas questões dos psicanalistas presentes.

Lacan (1954/2009) indicou Leclaire a fazer perguntas, e ele retornou prontamente: "Gostaria contudo que o senhor me falasse da transferência" (p. 355). Lacan (1954/2009) comentou que há razões para que ficassem com fome a propósito da transferência. Ao situar a transferência pela via da palavra, a transferência pelo simbólico o autor afirmou que é a partir da expressão dos "[...] três tempos da estruturação da palavra na procura da verdade" (p. 356) que figura a transferência. A qual categoria "tempo" ele se refere? Serão os três tempos referidos ao tempo lógico? Como o conceito de transferência se articula ao fim de análise?

Ao abordar sobre os aspectos do amor, o autor coloca que a abertura para a transferência se situa na dimensão da ignorância na medida em que há o engajamento na

pesquisa pela verdade. Ao procurar sua verdade a partir de sua "confissão" na palavra o analisante fomenta a abertura para a transferência que, para Lacan, se trata do amor ao saber, da aposta no sujeito suposto saber.

Há então, na posição da ignorância, um núcleo fundamental para que o motor de uma análise faça o jogo da experiência se movimentar. "No analista também convém considerar a ignorância" (Lacan, 1954/2009, p. 361), a *ignorantia docta*[1]. Assim, o analista deve engajá-lo numa operação dialética, apontar que fala sem saber, como um ignorante, de forma a indicar que o que conta são as vias do erro.

"A Psicanálise é uma dialética" (p. 362) na medida em que cabe ao analista o ensino ao escravo a dar seu verdadeiro sentido à sua própria palavra (Lacan, 1954/2009). Deste modo, a ignorância fomenta a pesquisa, a pergunta, a formulação de uma questão que se constitui endereçada; há aí elementos fundantes para um sujeito suposto saber.

Ainda nesta aula, Lacan (1954/2009) abordou sobre a problema da transferência pela articulação à dimensão imaginária: "No homem, o imaginário é reduzido, especializado, centrado na imagem especular, que faz ao mesmo tempo os impasses e a função da relação imaginária" (p. 367). O autor assinalou que a imagem do eu como eu ideal resume de alguma maneira toda a relação imaginária no homem, e que o fenômeno do investimento imaginário desempenha na transferência um papel central.

"A transferência, se é verdade que ela se estabelece na e pela dimensão da palavra, só traz a revelação dessa relação imaginária ocorrida em certos pontos cruciais do encontro falado com o outro, quer dizer aqui, com o analista" (Lacan, 1954/2009, p. 368). A palavra convocada em um movimento de historicização do sujeito promove a descoberta de pontos da história que não foram assumidos, e sim recalcados. O discurso construído a partir da regra dita fundamental abre o sujeito à equivocação. "O fenômeno da transferência encontra a cristalização imaginária. Gira em torno dela e deve juntar-se a ela" (idem, p. 368).

A verbalização mediada pelo outro, pelo analista, na dimensão da construção falada da sua história, possibilita que o sujeito se engaje no percurso da realização do seu imaginário truncado (idem, p. 369). Há algo truncado do imaginário que se realiza, que fica em relevo, quando o sujeito emerge na dimensão da historicização. Ao progredir na ordem das relações simbólicas fundamentais o sujeito necessita do tempo, segundo Lacan (1954/2009).

A transferência, na análise do discurso psicanalítica, deve ser compreendida em suas contradições na dialética do imaginário e do simbólico: "[...] as contradições aparentes a propósito da transferência, a um só tempo resistência e motor da análise, não se compreendem senão na dialética do imaginário e do simbólico" (idem, p. 370).

Lacan afirma, mais uma vez, que "[...] há um fator tempo numa análise [...] Todo analista não pode senão apreendê-lo na sua experiência – há um certo desdobramento do tempo-para-compreender" (idem, p. 371). Aqui, os três tempos da estruturação da palavra ficam expostos e evidentes a partir da formulação do tempo lógico, a essa categoria "tempo" tão cara à teoria lacaniana. A este respeito, indico o trabalho da psicanalista Michele Roman Faria (2026, no prelo) sobre o "Final de análise e a asserção da certeza antecipada", em que a autora discute os passos lógicos do final de análise a partir de um recorte clínico.

É interessante notar como Lacan (1945/1998) aborda sobre a lógica do tempo em sua relação com a busca pela verdade a partir de uma saída, um final que não é sem os outros: "[...] nessa corrida para a verdade, é apenas sozinho, não sendo todos, que se atinge o verdadeiro, ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros" (p. 212). O tempo lógico pode ser pensado na extensão das sessões a partir da produção discursiva do analisante, da lógica das palavras, do significante. O tempo lógico instaura uma forma de convocar o analisante ao trabalho, ao trabalho do discurso.

Deste modo, Lacan abordou sobre o discurso como um trabalho, como um trabalho que demanda tempo, a partir da palavra plena e da palavra vazia. É nesta dimensão do tempo atribuído pelo autor que se afirmou que **"[...] a transferência é o conceito mesmo da análise, porque é o tempo da análise"** (Lacan, 1954/2009, p. 372). Pensando o fim de análise, a transferência como começo e fim desta experiência, a lógica do tempo está implicada no modo como o trabalho de análise se constrói.

> É preciso esperar o tempo necessário para que o sujeito realize a dimensão de que se trata no plano do símbolo, quer dizer, que depreenda da coisa vivida na análise [...] a duração própria de certos automatismos de repetição, o que lhes dá de algum modo valor simbólico (idem, p. 372).

Em diálogo com O. Mannoni Lacan afirmou que é preciso que certas saídas imaginárias para fora da prisão do mestre se realizem a partir de certas escansões, num certo *timing* da análise para que algo em torno do tempo-para-compreender aponte para

o momento de concluir. Pode-se pensar então a transferência como o tempo lógico de uma análise?

A lógica do fim de análise

No final dos anos 60, Lacan realizou muitas explorações na Psicanálise em articulação com a Lógica, momento em que fez uso de esquemas para formalizar seu ensino a partir de diretrizes conceituais.

No esteio de sua construção teórica, considerando seus pressupostos iniciais de que a transferência é o tempo da análise, é tanto o começo como o seu fim, em que medida a mesma aponta para o fim demonstrando seu desenlace? Em que cenário lógico da experiência analítica a transferência marca a conclusão de um trabalho? As possíveis respostas para essas perguntas foram buscadas no "Seminário 15: o ato psicanalítico" (Lacan, 1967-68/2025) que fornece um amparo teórico importante. É neste seminário que o Jacques Lacan se dedicou a discutir de forma sistemática e específica sobre o tema do fim de análise em várias aulas do final de 1967 e do início de 1968. Discutir sobre o tema do fim de análise é, de alguma maneira, abordar sobre o que é uma análise, qual sua finalidade, como estruturar a direção do tratamento e qual a função do psicanalista neste trabalho clínico (Faria, 2026).

Para tanto, o autor traz uma discussão sobre o ato psicanalítico levantando questões que interessam a esta investigação: sobre o percurso de uma análise, sobre o fim de uma análise e os dejetos da produção analítica. De saída, Lacan (1967-68/2025) afirmou que o ato analítico é um começo lógico (p. 85) e que não existe sem a referência da transferência (p. 50). Deste modo, o autor sublinhou que "o ato psicanalítico, nós o situamos por consistir em ser o suporte da transferência" (p. 95), ou seja, a transferência é um produto do dispositivo analítico.

> Se cuidei tanto desse lembrete, foi para chamar a atenção de vocês, nesse ponto arcaico mas ainda presente do questionamento sobre o saber, para o que pode significar isso, que não foi isolado antes que eu o fizesse, precisamente a respeito da transferência, a saber, a função que tem, nem sequer na articulação de toda questão sobre o saber, mas nos pressupostos, o que chamo de sujeito suposto saber (idem, p. 55).

Pode-se demarcar que o sujeito suposto saber é efeito da transferência, na configuração da posição de ignorância e de amor ao saber. A posição de ignorância é fruto

do trabalho do analista em sua função de, junto com o analisante, formular a questão de análise no movimento de histericização do discurso.

Pensar esse começo lógico a partir do motor da transferência é apontar para a questão da finalidade de uma análise que, para a teoria lacaniana, é desalienar o sujeito de suas determinações significantes, tendo como ponto de mira o esvaziamento das ilusões narcísicas (Faria, 2026). Assim, uma análise deve caminhar no sentido oposto a um certo 'modelo do narcisismo', que tem no eu uma ilusão totalizante de unidade, direcionando sua aposta de leitura a partir do estádio do espelho, onde as miragens narcísicas e imaginárias possam se esgotar no plano da libido objetal, que concerne ao objeto a (Lacan, 1967-68/2025).

Na dimensão de uma análise é preciso considerar que "o sujeito como tal já está determinado e inscrito no mundo como causado por certo efeito de significante" (idem, p. 57). Neste movimento, as falhas em certos pontos decorrentes da produção do saber apontam para o desconhecido, para pontos de trabalho analítico na sustentação da busca pela verdade. É aí que:

> A transferência se instala em função do sujeito suposto saber, exatamente da mesma forma que sempre foi inerente a qualquer questionamento sobre o saber. Eu diria mais: pelo fato de entrar em análise, ele faz, melhor do que os outros, referência a um sujeito suposto saber (idem, p. 58).

Para Lacan (1967-68/2025) há sujeito na medida em que o saber progride como produção analítica, como efeito da transferência: "a partir do momento em que há saber, há sujeito" (idem, p. 95). É preciso que se abram algumas fissuras, algumas defasagens, e que alguma manobra específica nesse saber se faça para que a percepção de que já se sabia aconteça. O sujeito não é causa de si, o sujeito é consequência de uma perda, ele se realiza como falta, como efeito da castração, que depende da causa que o divide e que pode ser nomeado como objeto a. "O que se passa no decurso de uma análise? Simplesmente essa falta faz um progresso essencialmente lógico na articulação de sua função de *organum*, na realização como tal da falta fálica, (-φ)" (idem, p. 98). Essa falta é realizada no âmbito do des-ser do sujeito suposto saber. O analista sabe que não é esse sujeito suposto saber, mas ele reencontra os efeitos do que sofre essa suposição, pois é "[...] o analista, que dá corpo, sob a forma do objeto pequeno *a*, ao que esse sujeito se torna" (idem, p. 99).

Se para o autor o ato analítico tem algo a ver com o dejeto, com o objeto a, o psicanalista opera na direção do "tornar-se dejeto", esse resto de uma operação lógica que

se instaura quando uma análise é concretizada. É no final de uma análise que é possível localizar que há um analista. Lacan (1967-68/2025) desdobrou que chegar ao final uma vez, aponta para "o que isso tem relação com o começo de todas as vezes" (idem, p. 85). A questão levantada pelo autor é a de saber como há *um* psicanalista, que em lógica é chamada de questão da existência.

Na proposta teórica lacaniana o que o sujeito suposto saber se torna? Ele se torna o objeto pequeno a, e o psicanalista sabe o que ele se torna, ele se reduz ao *a* e cai a partir do desenlace da transferência. Assim, Lacan (1967-68/2025) comentou que a realização do des-ser que atinge o sujeito suposto saber é o objeto pequeno a (p. 96).

> Toda a sua vantagem sobre o sujeito psicanalisante, a única que ele tem, é saber pela experiência o que envolve o sujeito suposto saber, isto é, que o traçado, o vetor, a operação do ato psicanalítico devem reduzi-lo à função do objeto a. É o que, ao termo de uma análise, aquele que a fundou, essa análise, em um ato, a saber, o psicanalista, assim se tornou (idem, p. 112).

Para o autor, o psicanalista não era sujeito suposto saber no início, mas no final da análise ele se torna, ele se reveste "[...] da função que ocupa na dinâmica o objeto *a*" (idem, p. 112). O objeto *a* como vazio decisivo na questão relativa à estrutura do inconsciente enquanto norte do trabalho a ser conduzido em uma análise, o de esvaziamento, de decantação do sentido e desalienação do mito individual que aponta para o final de uma análise (Faria, 2026).

Para tentar fechar as arestas, Lacan (1967-68/2025) abordou que ao final de uma análise pode-se afirmar que "houve analista" – no sentido retroativo do tempo, no *a posteriori* – e que também "há um psicanalista" que se produz ao final de uma análise:

> O psicanalista é aquele que instaura o ato psicanalítico, ou seja, que dá sua garantia à transferência, isto é, ao sujeito suposto saber. Ele é suposto haver atravessado a experiência psicanalítica de maneira que o mínimo que se pode dizer, sem antes entrar nos debates doutrinais, é que ela deve ser, digamos, um pouco mais avançada do que nos tratamentos, de tal modo que ele deve saber o que envolve o ato psicanalítico e o sujeito suposto saber [...] (idem, p. 112).

Então, para Lacan (1967-68/2025), parece haver uma discussão sobre o fim de análise que tem um analista como produto final de um atravessamento da experiência psicanalítica – "que deve ser um pouco mais avançada" – e o fim de análise dos outros tratamentos. Seriam dois modos diferentes de abordar o fim de análise?

Em uma conferência na Universidade de Yale, o Seminário Kanzer realizado em 24 de novembro de 1975, Lacan destacou que "uma análise não deve ser levada longe demais. Quando o analisante pensa estar feliz com a vida, é o bastante". Assim, pode-se

pensar que Lacan (1975) se refere ao fim de análise dos outros tratamentos de forma diferenciada do fim de análise que "produz" um analista?

Para concluir

O tema do fim de análise é tratado por Lacan desde o início de seu ensino. Essa pesquisa teve o interesse em acompanhar seu percurso de construção teórica no que tange aos fundamentos e conceitos centrais em sua formulação sobre o fim de análise.

A partir do recorte datado de 1953 a 1968, da conferência "O simbólico, o imaginário e o real" (1953/2005), o "Seminário 1: os escritos técnicos de Freud" (1953-54/2009) e o "Seminário 15: o ato psicanalítico" (1967-68/2025) foi possível recolher algumas formulações importantes em sua teoria. A primeira delas é a de que "**o começo e o fim são sempre a transferência**" (1953/2005, p. 50), apontando para a noção de ato analítico demonstrada por Lacan (1967-68/2025) como um começo lógico e, ao mesmo tempo, a demarcação de um fim. O ato analítico suporta a transferência, motor fundamental para que uma psicanálise seja conduzida. Seu efeito mais direto é o sujeito suposto saber, que possibilita e engendra a produção do saber na busca pela verdade, e que tem o sujeito como produto.

"**A transferência é o tempo da análise**" (Lacan, 1953-54/2009, p. 372) é um outro pressuposto lacaniano que localiza o fator "tempo lógico" como princípio ativo de uma lógica inerente ao trabalho analítico. É necessário tempo-para-compreender para que o momento-de-concluir se realize como consequência de uma operação lógica. Ou seja, a transferência circunscreve o tempo de uma análise, e o seu desenlace se produz como conclusão de um trabalho analítico.

O fim de análise aponta para a queda do sujeito suposto saber, para a desalienação do mito individual, o que produz a redução ao advento do objeto a – o analista como resto da coisa caída. Essa é uma operação lógica que aponta para o analista como dejeto, como resíduo dessa operação. Caímos na lixeira, como algo que não tem mais serventia, mas que teve sua função ativa posta em jogo. Segundo Lacan (1967-68/2025) todo psicanalista que avançou um pouco mais na experiência analítica sabe que a lógica de toda psicanálise é tornar-se dejeto.

A este respeito, tento concluir, mas não sem novas perguntas. Lacan parece apontar para mais de um fim de análise: o fim que produz um psicanalista e que atesta que "houve um", e o fim nos outros tratamentos. Qual a diferença entre esses "fins de análise"? De que forma utilizar essas supostas diferenças no trabalho clínico?

São questões interessantes para movimentar a continuidade desta investigação em curso. Ainda há muito trabalho pela frente!

Notas

[1] *Ignorantia docta* é um conceito do filósofo Nicolau de Cusa que Lacan utiliza para abordar sobre a ignorância douta, que se refere à posição ética do analista como aquele que sabe que o saber é incompleto.

Referências

FARIA, Michele Roman. **Final de análise e a asserção da certeza antecipada**. (no prelo, 2026).

LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real (1953). In: LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai.** Tradução, André Telles, revisão técnica, Vera Lopes Besset. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005, pp. 9-53.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud** (1953-54); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 15: O ato psicanalítico** (1967-68). Tradução Teresinha N. Meirelles do Prado; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

LACAN, Jacques. **Discurso de Tóquio** (1971). Tradução Grupo Borda, 2020. Disponível em: Traduções - Borda Lacaniana

LACAN, Jacques. **Conferência na Universidade de Yale – Seminário Kanzer** (1975). disponível em: 24.11.1975 | Conferência na Universidade de Yale — Seminário Kanzer – LACAN

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. **Escritos** (1967-68). Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 197-213.

Gabriela Moura é psicanalista com formação acadêmica em Psicologia (UFPB), mestrado em Psicologia (UFAL) e doutorado em Linguística (UFAL). Pesquisadora, professora de pós-graduação, atualmente coordena o curso de Pós-graduação em Psicanálise (FACOP – IIPEC) e integra o Coletivo Ciranda de Psicanálise. Contato: psicanalisemaceio@gmail.com